

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROVINCIAS

Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	JOSÉ DO EGYPTO.
O Brazil e os brasileiros..	
Um aerostato dirigivel....	
Politica e politicos.....	TOB.
Bisavó, soneto.....	J. DE ARAUJO.
Bolos.....	CHICO FÉRULA
O nosso primeiro semes- tre.....	
Cofre das graças.....	BIBIANO.
Questão interessante.....	
A vida elegante.....	LORGNON.
Theatros.....	
A Juse-Checchi.....	L. MURAT.
Georges Ohnet.....	J. LEMAITRE.
Soneto a premio.....	
Gazetilha Litteraria.....	
Factos e noticias.....	
Collaboração; O Rio, so- neto.....	MARIO.
Consultas.....	
Receitas culinarias.....	CABRION.
Recebemos.....	
Correio.....	
Vantagens aos assignan- tes « d'A Semana ».....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

Havendo terminado com o numero 26 o prazo das assignaturas do 2º trimestre e do 1º semestre d'A SEMANA, rogamos aos Srs. assignantes o obsequio de mandar reformar as suas assignaturas, e aos que se acham em atraso o favor de mandar saldar os seus debitos.

A's pessoas que quizerem assignar esta folha por um anno daremos de premio um exemplar de uma bella obra, que se acha no prélo: ás que a quizerem assignar por seis mezes daremos o tango «A Semana—100 rs.»

Os Srs. assignantes que desejarem a collecção dos seis mezes já publicados pagarão mais 3\$000. (3\$500, se fôr encadernada) Para quem não fôr assignante a collecção custará 4\$000, encadernada.

A SEMANA

Rio de Janeiro, 1 de Agosto de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

A semana pertenceu a varios acontecimentos, mas, principalmente, continuou a pertencer ao Ferrari.

Que não desmaie de puro desvanecimento o famoso maestro honorario. Não o lisongemos; não o damos como proprietario quasi exclusivo das nossas bellas semanas — para lhe sermos agradaveis; não é por seu respeito que o fazemos, mas em respeito á historia... dos sete dias.

Nestes tempos de estação lyrica o Rio de Janeiro é o Lyrico. Ora o Lyrico é o Ferrari; logo — *il maestro Ferrari* pôde dizer, parodiando Luiz XIV: *Le Rio c'est moi.*

Elle, novo Cezar, — menos bellicoso, — mas em compensação, muito mais narguido — veio um dia a esta bella cidade — a mais bella da America na nossa insuspeita opinião — vio-nos, e conquistou-nos.

Somos d'elle: pertencemos-lhe, ao menos, durante dois ou tres mezes, todos os annos em que Sua Lyricidade se digna de tomar conta de nós.

A Agencia Havas parece ter ligado um dos fios da sua rede universal a um dos fios da rede nervosa do cerebro d'esse Cesar das Semifusas, de maneira a poder transmittir-nos promptissimamente os minimos movimentos das suas faculdades pensantes e volitivas. Por essa forma sabemos sempre com a maxima presteza o que Sua Lyricidade pensa e quer a nosso respeito.

E nós cá estamos a tremer, a chorar, a rir, a esperar... conforme Sua Lyricidade pensa na *Aida* ou na volta (U!), conforme resolve ou não resolve vir deliciar-nos, enriquecendo-se.

Poderoso monarcha, accetae por meu intermedio a profundissima salamé da capital do imperio, que continúa a vos pedir a honra de a considerardes agora e sempre a vossa favorita e, além d'ista, — o *Trovador*, a *Traviata*, o *Lohengrin* (principalmente — o *Lohengrin*!) e mais... uma alta nos preços!

Vejam agora como é ingrata esta imperial cidade: — só para o Sr. Ferrari tem dinheiro e memoria. E a prova temol-a no Sr. Julio Cezar, o nosso patricio inventor do aerostato dirigivel. Da primeira vez que elle aqui esteve — que barulho, que entusiasmo, que febre de protecção! Agora, que elle nos volta com o seu balão construido, cuidadosamente encaixotado, dizendo-nos: «Cá estou de volta. Trago o *bicho*; faltame porém aquillo com que, além de compral-os, se levantam balões; ne-

cessito de mais algum diuheiro para realizar a minha experiencia. Estou prompto para a cartada final: — ou eu mandarei o meu balão para onde quizer ou vocês me mandarão a mim, com elle, para onde lhes approuver; agora, ninguem se mexe, ninguem se entusiasma, ninguem o protege...

«Silencio sepulchral mudez profunda e calma!
«Encerram-se tremendo as petalas... das bolsas.»

Vamos, cariocas, um bom movimento: Auxiliemos o Sr. Julio Cezar a dar a ultima de mão ao seu invento. Na França e nos Estados-Unidos, e em todo o mundo dentro em pouco, polulamos *inventores* do balão... do nosso patricio.

A França abiscoitou-nos a descoberta do balão não indirigivel, acautelemo-nos para que não nos abiscoite igualmente a do balão dirigivel.

Não atiremos o Sr. Julio Cezar pelos ares antes de elle ter feito isso mesmo ao seu aerostato.

O Sr. desembargador Seraphim Muniz Barreto, na qualidade de juiz suppleto do 6º districto criminal, julgou improcedente a denuncia que fôr dada pela promotoria publica contra os Drs. Felix José da Costa e Souza e Bernardino Ferreira da Silva, ex-delegados de policia, e Dr. Pedro Autran da Matta e Albuquerque, medico da mesma repartição, na questão Castro Malta. Isto lemos todos na imprensa diaria, ha dias, e lemol-o sem surpresa nem pasmo, com a proverbial indifferença magnifica com que se consummam aqui os factos, grandes e pequenos.

Está pois definitivamente, para todo o sempre, acabada a tempestuosa questão Malta que por tanto tempo estrugio e reboou sobre esta imperial cidade, rolando com temeroso fracasso os seus trovões de escandalo, com estallidos sinistros de *humerus* e *calottes* e copiosas chuvas... de tinta preta.

Está acabada, acabadissima a celeberrima questão.

Que se liquidou? que se concluiu? que se ganhou com ella?

Nada, rien, niente, nihil!
E como essa são todas as cousas nesta abençoada terrinha!

Liquidou-se que está liquidada a questão: concluiu-se que nada se concluiu; ganhou-se... Ah! quanto a isto, só quem ganhou com o Castro Malta foi o paiz, com calimburgo.

¶ Coincidio...—Que occulto dedo caprichoso combinará na sombra as coincidencias?—Coincidio a morte da questão Malta com a do desembargador Bellarmino, o chefe de policia que se celebrou nesse outro vergonhoso *incidente* —Apulcho de Castro.

Magistrado integerrimo, cidadão probo e geralmente estimado, chefe de familia exemplar, vio-se repentinamente cahido no apreço publico, coberto de graves accusações, e de chufas e de desprezo, envolvido na trama sanguinolenta de um crime barbaro, aviltante aos nossos brios de gente civilisada. Foi fraco, é certo, esse homem; como podem ser forte, sem o apoio das autoridades superiores, á testa de uma repartição desmoralisada, e sem authoromia nem respeitabilidade, á frente de uma guarda policial pusillanime e impopular?

Não reavivemos essas tristes recordações mal apagadas.

Basta que digamos em frente deste feretro que o magistrado que ali repousa, cadaver, não sahio da vida maculado de sangue ou de lama...

Ah! se elle houvesse podido dizer tudo!...

Foi uma bella festa a que a Camara Municipal realisou no dia 29 do mez findo, dia do anniversario natalicio de S. A. Imperial, a Princeza.

(E a proposito: não é que o Paiz teve a indelicadeza de declarar quantos annos completou nesse dia a augusta herdeira do throno! Que indiscrição!

Nunca se revela a idade de uma senhora, senhores.

Porque ha de S. Alteza ser exceptuada dessa regra geral de cortezia?

O Livro de Ouro, fundado pelo presidente da extincta Camara e continuado por esta, libertou 54 escravizados.

Das 54 libertações concedidas, 53 foram a mulheres e 2 a homens; 32 libertados têm de 15 a 30 annos, 9 de 40 a 51, 7 de 41 a 50, 5 de 51 a 60 e 1 de 67.

Nada mais commovente do que ver aquellas desgraçadas, na maior parte mães, receberem ajoelhadas a sua carta de forraria, como lhes chamam esses infelizes em sua espezta ignorancia.

Não se teriam commoído tambem S. M. o Imperador, e sua augusta filha?

Enquanto isto se dava na Camara Municipal, na dos Deputados seguia o monstruoso projecto « tranquillamente agricola » do Sr. Saraiva a sua vergonhosa marcha triumphal!

Um dos factos mais tristes da semana foi a morte de uma pobre senhora que ia todas as noites acompanhar sua filha á Escola Normal e que na de 29, ao descer as escadas, perdeu o pé e, rolando alguns degraus, fracturou um braço e os ossos do nariz, succumbindo dentro em pouco á commoção cerebral da queda.

Pobre senhora!...

Naturalmente não teria tão desasturado fim se aquellas escadas tivessem um corrimão; mas não o têm, apesar de serem da Escola Polytechnica, o ninho dos senhores engenheiros.

Casa de ferroiro...

JOSÉ DO EGYPTO.

O BRAZIL E OS BRAZILEIROS

(Vide n. 30 d'A Semana)

Não publicamos hoje a segunda carta de Ylang-Lang porque somente á ultima hora conseguimos obtel-a. E' o caso que o illustre escriptor chinez, havendo confiado particularmente a alguém o maço de cópias das cartas que sobre aquelle vastissimo assumpto tem escri-

pto ao seu amigo Luiz de ..., brasileiro, residente em Pekin, não esperava que ellas fossem publicadas. Ora, havendo nós conseguido d'esse *alguem* a primeira carta, publicamol-a no nosso numero passado.

Imagine-se a surpresa de Ylang-Lang ao encontral-a nas columnas d'A Semana!

Zangou-se e quiz rehver as cartas, para impedir que continuassem a publical-as. Felizmente conseguimos demovel-o d'esse para nós terrivel proposito; mas não o conseguimos a tempo de poder inseril-a neste numero.

Lel-a-ão no seguinte: E' interessantissima.

UM AEROSTATO DIRIGIVEL

Em o n. 106 de *Les Annales*, de 5 de Julho de 1855, encontramos o seguinte, com o titulo acima:

« O novo balão de guerra de que nos foi enviado um croquis pelo Sr. Carlton S. Moore, de Philadelphia, e de que é inventor o general Russel Thayer, que, diz-nos o *American Register*, recebera do ministerio da guerra as instrucções necessarias para emprender a construcção de um gigantesco aerostato que será, pelo que affirmam, a mais terrivel machina de destruição inventada pela sciencia moderna.

O custo será de cerca de 50.000 francos; terá mais de 20 metros de comprimento, e o seu diametro deve ser de 18^m,50. Terá a velocidade media de 48 kilometros por hora. Consistirá a força motriz em ar comprimido accumulado pela machina e descarregando pela parte posterior. A forma é, como se vê, quasi que identica á do primeiro balão dirigivel, construido pelos capitães Renard e Krebs, nas officinas de Chalais.

E' de calcular que damnos poderá causar um semelhante engenho, se for decididamente possível governal-o á vontade (1) e de maneira a poder deixar cair toneladas de dynamite sobre fortificações ou sobre navios.»

Expomos hoje na vidraça dos Srs. Faro & Nunes a gravura d'esse balão.

POLITICA E POLITICOS

Eu acceito a theoria do fatalismo em quasi todas as cousas desta vida; mas acceito-a principalmente em politica. E quando me perguntam porque é o Sr. Lafayette senador e porque é o Sr. Ratisbona deputado, eu explico o facto pelo acaso, o grande factor que produz as cousas inexplicaveis.

E é por isso que eu não estranho que o Sr. Zama tenha feito a proeminente figura que está fazendo, e que ha de continuar a fazer enquanto o Rio das Eguas continuar a sel-o.

S. Ex. apoiou com todas as suas forças o ministerio Martinho Campos; apoiou, ainda com egual força, o ministerio Dantas; e apoiou com força egual o ministerio Saraiva. O Sr. Zama tem, pois, para mim a grande honestidade da coherencia: — apoia sempre.

(1) O italico é nosso, para frisar que não é ainda cousa resolvida a dirigibilidade do balão—Russel Thayer.

N. da R.

Na segunda-feira o Sr. Zama, o abolicionista Sr. Zama, requereu o encerramento da discussão do art. 3º do projecto Saraiva, arrollando uma porção de oradores. Mas o que querem? o abolicionismo do Sr. Zama vae ao ponto de não admittir discussão sobre questões de elemento servil, tão vencedora é a idéa, com tanta força rolou a pedra da montanha.

Só uma consideração ha a fazer: esse art. 3º, que foi votado, é exactamente o que tarifa a tanto por cabeça o escravo. Tomado isoladamente, parece que esse artigo tem tanto de abolicionista como o *Diario do Brazil*; mas o illustre deputado, o referido Sr. Zama, naturalmente entende que esse artigo é ultra-abolicionista porque faz parte do systema geral tranquillo-abolicionistissimo do ultra-liberal projecto.

O Sr. Zama tem declarado *urbi et Rio* das Eguas que é abolicionista radical; mas—e quanto é bom este *mas* para estas cousas! — mas tem obrigação de acceitar o que lhe dão. E o nobre deputado afirma que Gambetta já era assim, antes de morrer.

Eu estou pelo que diz o nobre deputado, que por signal me deu as trez tiras que pretendia escrever sobre politica da semana para a *Semana*. Eu estou pelo que diz S. Ex.

Mas permitta-me uma só reflexão.

Quem pensa assim, numa questão d'estas, não é liberal, é conservador.

O papel de residencia á corrente das forças da opinião não compete áquelle, senão a este. *Essere ou non essere*, ou em bom portuguez: ou bem que a gente é o que diz ser, ou bem que não se é nada neste mundo.

Tob.

BISAVO'

Essa doce velhinha, a quem a Morte Deixou piedosa na sua paz sagrada, Fel-a o capricho original da sorte Mãe trez vezes,—amiga idolatrada.

Que longa vida e que ditoso norte! Estrellas sempre na florida estrada! Nenhuma nuvem que a ventura corte... Certo a protege uma invisivel fala!

Como rosa do monte, que as abelhas Cercam zumbindo nuni murmuro ardente, As criancitas frescas e vermelhas

Beijam á bisavó a mão tremente, E, ella, cheia de rugas e de engéllhas Chora e sorri deliciosamente...

1885.—Porto.

JOAQUIM DE ARAUJO.

BOLOS

Mestre Pimenta voltou... ao prato Porque, assim como assim, a pimenta é necessaria á vida. Convencemo-nos d'esta verdade quando ella nos começou de faltar, e quando, não apparecendo no cozido patriarchal do domingo, se transferio capciosamente para o assado burguez da segunda-feira.

Agora, força é confessal-o, quando passamos uma semana sem Pimenta no nosso prato, vem-nos uma melancholia de todos os diabos, e nos é preciso ter animo de heroes antigos para resistirmos ao suicidio. Acepise brasileiro sem pimenta cousa é que se não tolera sem lagrimas, e por isso quando nos ella falta na marmitta semanal, vae aqui pela travessa um pranto de commover as pedras e o proprio piano do botiquim da esquina.

Felizmente, mestre Maximiano dá-nos a mendo um pouco do seu appellido, e, embora n'ol-o sirva grosseiramente na terrina enxovalhada do *grande orgam*, tal o nosso amor ás ardencias, que lá mesino corremos precipites a colhel-o, para confeioarmos depois as ignarias com quo nos regalamos.

Que os malevolos não entrevejam remoque nas palavras que dirigimos ao conspicuo e perspicuo folhetinographo microcosmographico, desejo é ardente que no imo peito alimentamos.

Porque, ainal, nos estamos eheios de gratidão por o que Pimenta nos tem dito e nos ha feito.

Se elle já levou a sua complacencia e longanimidade ao ponto de nos não chamar *Gazeta de Honolú* ou *Periodico da Ilha das Cobras*! Se elle, sendo mestre-escola da roça, como diz, leva a generosidade da sua alma ao ponto de nos dar lições de portuguez.... de graça!

Que outro sentimento se nos poderia esperar no peito que não o da funda gratidão?

Se nós lhe não sacrificamos, como fez Alcino a Sylvio na ecloga de Quita,

« cinco eabras,
e, manchadas de branco, trez novilhas»,

é porque esses animalejos andam hoje em dia pela hora da morte, e, a respeito de finanças, elle bem sabe que isto aqui não é o *Jornal do Commercio*...

Mas vamos ao que nos estimulou a falar, como dizia o chorado collega Mal das Vinhas. São quatro palavras só.

Inflammou-se Pimenta com a jura *Mão raio te parta*, proferida por D. Jayme na tragedia *No Seio da Morte*, de Echegaray, traduzida por dois redactores d'esta folha. Dissemos-lhe que a expressão foi litteralmente traduzida do hespanhol e elle nos replicou « que pelo facto de se acharem no hespanhol aquellas palavras, não se segue que na versão portugueza devesse ser empregada *verbum ad verbum* a locução correspondente. » Que por ser jura de pessoas grosseiras desceu a expressão a tão baixo nivel, que d'estóia da linguagom emphatica da peça e provoea o riso dos espectadores.

A isso responde-se com isto:

O mestre-escola não soube o que disse e deu uma lição falsa; o professor não entende de traducções, nem de theatros.

Os mestres, os verdadeiros mestres, os que julgam sem prevenções e sem paixões pessoases, são concordes em que o merito principal de uma traducção consiste na fidelidade, e na felicidade que tenha o traductor de encontrar na sua lingua a expressão que mais exactamente corresponda á expressão da lingua que traduz. Inferese d'este preceito que quanto mais *verbum ad verbum* possa ser feita uma traducção,—melhor será.

Isto quando não resulte adulteração do pensamento do auctor.

Ahi é que pega o earro; dirá Pimenta. Mas nos lhe pedimos com empenho que nos esclareça sobre qual seria o pensamento de Echegaray, pondo na bocca de um conde hespanhol da idade media, num momento de extreme furor e falando a um almogavar, a jura—*malo raio que te parta!*

Não quereria o grande auctor uzar mesmo da expressão rasteira e baixa, como ella tambem o é em hespanhol, visto que o seu personagem estava enfurecido e dirigia-se a um soldado grosseiro e rude, que elle julgava traidor? Pois não reparou o amigalhaço Pimenta que na peça, apezar da linguagom emphatica, se encontram repe-

tidamente expressões grosseiras? Não ouviu falar em « couros » e em « costado » e em « gargantas de perro » etc.?

Pimenta não reflectio que o conde, além de fidalgo, é tambem soldado e está em guerra?

Não; elle não cogitou nem no momento em que D. Jayme profere a jura, nem contra quem a profere, nem no motivo porque a profere.

Ora ahi está como Pimenta não entende de traducções.

Agora vamos procurar provar-lhe que tambem não entende de theatros.

Diz o critico que a phrase, por grosseira, destoa comicamente da linguagom da peça e provoca o riso do espectador...

Não lhe diremos que um auctor não tem culpa da inopia do publico. Mas vamos citar-lhe dois factos que bem provam que muitas vezes o publico se ri de expressões serias, seriamente ditas pelos actores.

No *Gran Galeoto*, sempre que Dias Braga (D. Julião) dizia, exactamente como devia dizer, com toda a seriedade, estes dois versos:

« Pois fazemos pela vida,
que farão por nossa morte »
o publico soltava invariavelmente uma gargalhada.

Em cerca de cincuenta representações do *Gran Galeoto*, nunca ninguem ponde perceber por que se ria o publico. Achava graça e acabou-se.

A *Arlesienne*, deliciosa peça de Daudet, eahio em Pariz porque o publico se ria estrondosamente quando um personagem dizia, em tom serio, que ouvira o canto *des ortolans* (verlelhões).

Provavelmente o publico de Pariz não comprehendia esta monstruosidade: o canto de uma ave que elle comia.

E se por isto a peça eahio, com grande pasmo do auctor e dos artistas, que não puderam comprehender a gargalhada dos espectadores.

Ahi está porque Pimenta não entende de theatros.

Passando á critica feita no *Microcosmo* ao soneto *Sub para lucerna* de Luiz Delfino, demonstra-se a má fé de Pimenta (sem calimburgo) com a simples exposição de um ponto:

« Parca alampada doura o nicho.—Uma franzina
« Cretura formosa e alegre, destrançado
« O comprido cabello ao collo, inda se inclina
« embala o berço a um louro anjinho entrea-
cordado. »

« A cretura franzina e alegre, emquanto a lampada doura o nicho, destrança o cabello ao collo, não se sabe de quem: mas, não obstante serem de ordinario precisas duas mãos para desfazer um toucado, a franzina aeha meio de inclinar-se ainda, e de embalar, naturalmente com os pés, o berço em que está o anjinho louro entrea-cordado. »

O infeliz não sabe ler.

Não admira: é mestre-escola.

Se elle soubesse ler, veria que o poeta não diz que a cretura franzina estava destrançando o cabello, mas apenas que já o tinha *destrançado* ao collo no momento de embalar o berço do louro anjinho entrea-cordado.

Leia-se o quarteto:

— Uma franzina
Cretura formosa e alegre, DESTRANÇADO
O comprido cabello ao collo, inda se inclina,
E embala o berço a um louro anjinho entrea-
cordado ».

Quando Pimenta souber ler ha de vir dar as mãos á palmatoria e confessar que confundio deploravelmente o participio passado com o participio presente de um verbo activo.

E é isto a critica, men presado e folhetinifero amigo Pimenta!

CHICO FÉRULA.

Acha-se no prelo, d'onde sahira por todo este mez, o livro **VINTE CONTOS**, de Valentim Magalhães que será distribuido aos Srs. assignantes de anno como premio, em substituição do romance **MATTOS, MALTA OU MATTA?** que haviamos promettido.

O nosso primeiro semestre

As colleções encadernadas do primeiro semestre d'*A Semana* foram recebidas pelos collegas a quem as enviámos, como pequena prova da nossa estima, com as mais significativas palavras de apreço e de animação. Ellas nos darão novo alento a proseguir na carreira que abrimos e que, com tantos sacrificios, mas tambem com tantas e tão risonhas esperanças, vamos continuando.

Ainda bem que a indiferença habitual do publico não se poderia justificar, se para nós existisse, com a indiferença dos nossos collegas. To la a imprensa, da capital e das provincias, nos tem coberto de applausos e louvores. Exceptue-se o rancoroso e roneiro *Pachidorme*, que nos distingue singularmente com o seu silencio hostil de velho bruto invejoso e vingativo. Honra que, aliás, lhe agradecemos immenso.

Concedam-nos os nossos amaveis collegas licença para registrarmos nestas columnas as palavras com que nos distinguiram. E aceitem a homenagem da nossa admiração e do nosso reconhecimento.

Na sua interessantissima secção *De Palanque*, escripta pelo engraçado e sensato Eloy — o heróe, disse o *Diario de Noticias*:

« Lembra-me como se fosse hontem. Era o dia 1º de Outubro do anno pressado.

Eu estava num botequim da rua do Ouvidor, e defronte de mim, um sujeito gordo, rosado e aparentemente sadio, saboreava uma ehicara de café, resfolegando nos intervallos dos goles.

Um sucio, que au lava a distribuir gratuitamente o primeiro numero do *Paiz*, entrou no botequim, entregou-me uma folha, e dispunha-se a fazer o mesmo ao meu visinho, quando este levantou o braço e espalmou a mão,—gesto que significava muito claramente: Não se approxime!

— Aqui tem, murmurou desconcertado o distribuidor... é um jornal novo... o *Paiz*...

— Dispensou; respondeu seccamente o outro.
 — E' de graça...
 — Dispensou; repetiu elle, erguendo a voz, e já num tom de escamado.
 E como eu naturalmente sorrisse, julgou talvez que o fizesse em signal de approvação, porque me disse:
 — Não me faltava mais nada senão ler jornaes!
 O distribuidor já ia longe.

Esse individuo é a imagem perfeita do publico: um por todos.
 Não ha, realmente, paiz civilisado em que menos se leia do que o nosso.
 No Brazil dá-se este facto extraordinario: escreve-se mais do que se lê.

Estas considerações fil-as eu hontem ao folhear um volume, que me foi entregue, contendo os vinte e seis primeiros numeros da *Semana*, o elegante periodico litterario, tão bem dirigido por Valentim Magalhães.

Vinte e seis numeros! Vinte e seis batalhas contra o *Dispensou!* do homem do botequim! vinte e seis duellos de morte entre uma folha de papel e a indifferença do publico!

Vinte e seis numeros!
 Que de esforços representa essa vida de seis mezes! que de labutações inglorias e de amargas decepções! Quanta illusão perdida nesses dois trimestres de litteratura! quanto desengano! quanto!

Mas a *Semana* lá vai indo, que para alguma cousa ha de servir a força de vontade de trez ou quatro rapazes vigorosos e bem intencionados.

Elle abrirá uma picada na matta virgem do bom gosto publico, porque tem bons musculos, e adoptou por divisa o *quand même* dos resolutos.

Debalde os seus inimigos tentarão embargar-lhe a passagem. *Gusman ne connaît pas d'obstacles.*

Hoje um concurso de poesia, amanhã uma discussão litteraria, depois isto... e depois aquillo... e o publico se habituara a lêr a *Semana*, e a *Semana* terá prestado um serviço, só comparavel ao d'esses heroicos missionarios que se embrenham nos sertões para catechisar os aborigenes.

Continúe a *Semana* a andar pelo mesmo caminho que já percorreu vinte e seis vezes, e brevemente todos—a começar pelos seus proprios desaffectedos—lhe dirão:

— Não dispensou!

O Paiz:

« Completando o primeiro semestre de publicação da *Semana*, a illustre redacção d'esse excellente hebdomadario mandou colleccional-o em elegantes volumes, que distribuiu pelos seus collegas da imprensa.

Acceitamos o que nos foi offerecido com tanto maior prazer quanto sabemos apreciar o valioso escriptorio litterario que formam aquellas paginas.

O director da *Semana*, o laureado escriptor Valentim Magalhães, praticou um feito considerado impossivel, o de firmar a existencia, no jornalismo brazileiro, de uma revista litteraria, ainda que se explique o exito da sua publicação pela excellencia dos artigos e o merecimento progressivo de cada um dos seus numeros.

Nem por isso, porém, o triumpho obtido pelo nosso estimavel collega é menos digno das felicitações que sinceramente lhe dirigimos.»

A *Gazeta de Noticias*, depois de accusar gentilmente o recebimento do nosso n. 30, escreveu:

« Com este numero recebemos tambem uma collecção do seu primeiro semestre, muito bem encadernada. Isto prova que a *Semana* caminha com segurança, pois que já conseguiu passar o cabo das Tormentas, que para as folhas litterarias é sempre o primeiro semestre. »

Parabens e agradecimentos.

COFRE DAS GRAÇAS

Em uma aula de portuguez.
 Professor:— Menino Alberto, o que é adjectivo biforme?

Menino Alberto:—E' aquelle que varia conforme o genero do substantivo.

Professor:— Um exemplo.

Menino Alberto:— Clemente.

Professor:— Como assim? Explique-me lá isso.

Menino Alberto:— Sim, senhor: Clemente para o masculino e para o feminino—Clementina.

Fala-se mal do bello sexo.

A Sra. X exclama:

— Os homens têm certa razão em dizer mal das mulheres. Eu, por exemplo, só conheço duas mulheres perfectas...

— Qual é a outra?—perguntou-lhe alguém, interrompendo-a.

Um dito malicioso, mas engraçado, de Aurelien Scholl:

Falava-se de um escriptor sombrio, à Edgar Poë, e pouco asseiado.

— Tem o espirito negro; disse alguém.

— E o peor é que o seu espirito se estende até ás unhas; acudio o celebre chronista.

Do ultimo numero do nosso visinho e collega *L'Italia*.

« Un avvocato, giornalista e cavaliere d'una corona *dispotica*, si presenta alla Duse e dice: «Son quattro anni, signora, che studio la lingua italiana, per avere il piacere di apprezzarvi ed applaudirvi. »

« Come poss'io credere—risponde la Duse-Checchi—se quattro anni or sono il mio nome non era quasi conosciuto in Italia? »

Tableau!

E' boa, é. Mas quem seria o heroe d'esse fiasco?... Ah! se o nosso collega e visinho quizesse, ao menos uma vez, ser indiscreto...

BIBIANO.

QUESTÃO INTERESSANTE

« Tem o marido o direito de abrir as cartas da mulher? »

« Tem a mulher o direito de abrir as cartas do marido? »

Recebemos, entre outras, as seguintes respostas:

« A mulher não tem o direito de abrir as cartas dirigidas ao marido; ellas podem conter segredos de terceiro, completamente alheios à vida domestica e intima do casal; assumptos que, *bona fide* confiados, ao marido não lhe facultam o direito de os communicar à sua mulher.

O marido, ao contrario, tem pleno direito de abrir as cartas de sua mulher, porque a mulher, que não é cabeça de

casal, não tem negocios nem segredos alheios que possam ser extranhos ao conhecimento do marido.

Esta differença de direitos não é supremacia do sexo; é simplesmente a natural consequencia do prodominio da vida individual, publica e particular do homem, tão outra da recatada, modesta e subline existencia da mulher—« esposa e mãe ».

E' o que penso, salvo melhor juizo. »

BETTENCOURT DA SILVA.

« Vimos, Sr. Redactor, emittir tambem a nossa spinião sobre a questão supra, opinião que parecerá a alguns extremamente offensiva ao apregoado direito de egualdade conjugal; mas que a nosso ver é summamente accetavel.

Ell-a, pois, sem mais preambulos:

Quanto ao primeiro quesito: Sim; porque sendo o marido o mentor, o guia, o conselheiro emfim de sua cara metade deve ter conhecimento pleno das amizades que ella cultiva, o que não lhe fora talvez facil se elle não lhe interceptasse a correspondencia, para que esta esta seja dirigida á sua feição, o que só pôde redundar em beneficio dos conjuges.

Demais, Sr. Redactor, a mulher é um ente *fragil*, é como os menores, os es-cravizados, os interdictos, precisa de um... curador que lhe officie nos... nos autos, digo na correspondencia.

Quanto ao segundo quesito: não; porque a mulher deve estar na ignorancia de muita cousa que o esposo pratica (nada de malicia, Sr. Redactor), em bem da propria felicidade conjugal, de muitos factos de que elle é sabedor, em virtude da sua profissão, das condições especialissimas que elle occupa na sociedade, e todos nos sabemos o que é segredo em bocca de mulher.

De V S.

Attento, Respeitador e Criado

LUIZ PEREIRA DA COSTA.»

« Debaixo do ponto de vista geral em que foi exposta a questão, é bastante difficil chegar-se a um resultado incontraverso sobre se a mulher tem o direito de abrir as cartas do marido, e vice-versa. E' uma questão complexa.

Perante a civilidade é um crime de *lesa delicadeza*, principalmente quando os conjuges têm educação esmerada e um certo gráo de susceptibilidade, que acompanha aquelles que têm sentimentos elevados. Perante os costumes... nós não temos costumes definidos nesta questão. Perante a moral—não estro-piemos a moral—parece que a resposta deve ser negativa. Entretanto, entendo que em auzencia prolongada do marido a mulher poderá abrir as cartas d'elle, pois que em alguns casos poderá ser isso de grande proveito para ambos. Todavia, parece que, sendo o marido o unico encarregado dos negocios do casal e o responsavel por tudo quanto lhe aconteça, negar-lhe o direito de abrir as cartas da mulher seria uma injustiça.

Não entendo que o seja, 1º, porque a mulher não deve tomar parte em negocios que só devem ser da competencia do marido; 2º, porque quando ella fosse leviana e assim ameaçasse o lar domestico uma catastrophe, o facto de o marido abrir-lhe as cartas nada evitaria, porquanto o defeito estaria na mulher e não no meio de que ella usasse. Em rigor, nem um nem outro tem o direito de abrir cartas que não lhes pertençam.

Minas, Julho de 1885.

B. »

« Sim, necessariamente em ambos os casos, desde que ha a perfeita harmonia, que se suppõe, entre os dois.

ASSU-MERIM ».

« Sim, sem duvida, a qualquer dos dois assiste esse direito. Porém nenhum d'elles o deve fazer, porque, desde esse momento, se patenteia a desconfiança, e a curiosidade absurda de quem abrir as cartas.

Rio, 23—7—85.

F. FERRÃO. »

A VIDA ELEGANTE

Os salões ornados caprichosamente, luzes e flores por toda parte, um verdadeiro paraíso, emfim, o Club do Engenho Velho na noite de sabbado passado, em que realisou a sua partida do mez de Julho.

Gentis senhoras, — *demoiselles e dames* — de sorrisos encantadores, passeavam dando o braço aos respectivos cavalheiros, uns felizardos que sentiam junto, bem junto de si, os fremitos de muitas vozes doces e puras, além do mais.

Um murmúrio incessante partia d'aquelle formoso grupo de claras e morenas, onde se via ora uma aurora nuns cabellos louros, ora uma noite nuns cabellos negros, d'aquellas semi-deusas que eram o principal encanto e a causa da festa.

E até aos primeiros raios do sol, até á radiosa apparição da madrugada, após uma noite esplendida de luar, folgou-se, dansou-se no Club do Engenho Velho.

E o concerto?... ainda não falámos no concerto. Que diremos d'elle? Que esteve acima de todos os elogios.

Diversos amadores distinctissimos se fizeram ouvir e os applausos que lhes couberam foram de toda a justiça.

Nossos parabens ao Sr. Wignelin, muito digno director de harmonia do Club.

LORONON

THEATROS

FLAVIO ANDÓ

Fez beneficio no dia 30 este grande artista da companhia italiana.

Foi a *Fedora* a peça escolhida, bem mal escolhida, valha a Verdade. Um artista como Andó não devia fazer beneficio senão com uma *première*.

O admiravel interprete de Armando Duval, Sartory, Claudio, André de Bardannes, Felipe Derblay, Maximo Odier, Des Prunelles, Andréa, Duque de Nemours e Loriz Ipanoff, tem no seu glorioso repertorio a peça com que devia fazer a sua festa: E' o *Kean*.

E' verdade que nós já não precisamos vel-o no *Kean* para julgarmos do seu extraordinario merito. Para collocarmos Andó no primeiro plano, bastavamos ter visto aquelle estupendo Armando Duval da *Dama das Camélias* e aquelle correctissimo duque de Nemours, do *Luiz XI*: dois papeis inteiramente oppostos e no confronto dos quaes se pode apreciar todo o cuidado e todo o talento que o grande artista emprega no estudo dos seus papeis.

Na *Dama das Camélias*, peça moderna, de Dumas Filho, elle é o actor moderno, independente, affastado de todas as velhas convenções theatraes, fazendo e dizendo tudo com extrema naturali-

dade, mostrando um trabalho inteiramente seu, com uma larga accentuação de individualidade, sem se parecer com nenhum dos innumerados Armandos que temos visto; no *Luiz XI*, tragedia classica, de Delavigne, fazendo o papel de um guerreiro do seculo XV, Andó parece outro artista: é o actor academico, declamatorio e emphatico, de gesto largo e medido e passo cadenciado.

Andó é, finalmente, um artista excepcional, e o publico, que lhe tem feito justiça, applaudindo-o estrondosamente em todas as peças, faltou naquella noite ao seu dever não enchendo litteralmente a vasta sala do S. Pedro; isto, porém, deve-se antes levar á conta do drama escolhido, que o publico escolhido já conhece muito bem. Todavia o theatro estava quasi cheio e o publico que lá estava applaudio com o maior escolhido entusiasmo o bello trabalho de Loriz Ipanoff.

Andó recebeu os seguintes presentes, entre outros muitos:

Do Sr. Emmanuel Cresta duas bellas moedas de ouro, italianas, de mais de um seculo; do Sr. Dr. Ferreira de Araujo, um alfinete de brilhantes para gravata; do Sr. Celestino da Silva, um par de botões de ouro e pedras para punhos; d'esta redacção um volume de *L'Art de la mise en scene*, de Bec de Tauquières, de outros admiradores, muitissimos ramilhetes de bello effeito, etc., etc.

FRANCISCA GONZAGA

No dia 29 do mez findo, no Recreio Dramatico effectuou-se a recita esta intelligente compositora, como auctora da *Filha do Guedes*, comedia detestavel, sahida do laboratorio mysterioso do *Jornal do Commercio*, e para a qual a Sra. Gonzaga escreveu uma musica deliciosa.

Tendo já desmontada a *Filha do Caipira*, que foi um fiasco litterario, a empresa vendeu á auctora da musica uma recita da comedia *Trez mulheres para um marido*. A Sra. Rose Meryss, cantou algumas cançonetas, entre as quaes — *Si fuera verdad...* letra de um poeta muito conhecido e musica da Sra. Gonzaga.

A auctora tocou em publico pela primeira vez, num velho piano, a sua valsa *Iara*.

Foi muito applaudida, e recebeu dos seus muitos admiradores varios mimos de valor, muitos ramilhetes e uma bonita corôa.

Partio para S. Paulo a companhia do Sant'Anna.

Deve estreiar hoje no theatro S. José, com a *Mascotte*.

D'esta companhia tiveram a gentileza de se virem despedir de nos a Sra. Rose Meryss e o Sr. Mattos.

Agradecemos-lhes a fineza e comprimentamol-os cordealmente,

A macacada do Sr. Salvini continúa a agradar extraordinariamente.

Será na proxima semana, no Recreio Dramatico, a recita dos traductores da lenda tragica — *No seio da morte*.

Hoje representa-se no S. Pedro a *Fernanda*.

A primeira da *Theodora* foi transferida para terça-feira.

A' EMINENTE ACTR'Z

Sra. Eleonora Duse-Checchi

Quinze dias levei me preparando Para ouvi-la. Envolvi-me na armadura Dos que vão os perigos arrostando E andam de aventura em aventura.

Tremia ante o fulgor d'aquelles olhos! Quando ella veio esplendida rompendo Como uma Deusa nuvens d'ouro e escholhos Aos seus pés triumphantes abatendo,

Uma nuvem de fogo me envolveu. Eu tremia de assombro e de pavor, E não sabia se era o inferno ou o ceo Que se mostrava ao velho gladiador!

Olympica na tripode esplendente, Como a Pytho de Delfos deslumbrante, Coberta com a pelle da serpente De escamas d'ouro, bella e rutilante.

Como no azul um astro se afogando, Ou a noite nos ares conduzindo Eternamente os soes que vão brilhando E na lucida poeira confundindo

A natureza inteira, o coração, A alma, o sangue, o calor, a vida emfim Senti que me fugia. A sensação Do vacuo illuminado deu-se em mim.

Nada eu sentia, nada eu comprehendia Que não fosse ella ou d'ella não viesse. Chorava ás vezes, outras vezes ria, Eu tinha medo que aos seus pés morresse.

Eu tinha medo! Eu o retiriario forte Que tantas vezes tem cruzado a arena, Que tantas vezes tem fitado a morte, Estremecer ao vel-a entrar em scena!

No seu olhar a raiva arde e fuzila, Parece nuvem vomitando raios! Não é pupila, não, essa pupila Que ruge e tem soluços e desmaios,

Relampagos que a cortam de repente E enroscam-se velozes como estranhas Serpes, n'aquelle mundo ferozmente Illuminado, como nas montanhas,

A' noite, raios rutilos resvalam Vertiginosos, desencadeados, Que o rijo flanco do granito abalam, Como por um demónio arremessados,

Para arrancar do solo aspero e duro Esse monstro de pedra erecto aos ventos! A's vezes vejo nelle um ceo escuro, Um silencio cortado de lamentos.

N'outras a gargalhada salta e brilha, Como a fagulha que cahio de um astro. E dentro d'elle escuta-se a matilha Dos desejos febris ladrando ao rastro

De um goso doce, brando e voluptuoso, Que ás vezes foge p'ra voltar de novo. E ao seu gesto de rainha victorioso Ambos se dobram: — o monarcha e o povo!

E é por isso, rainha, que eu vos trago Versos e a vossa potestade acclamo. A's vezes são taubem como um affago Estas rimas que aos vossos pés derramo.

O braço que manéja a espada e a lança Póde taubem o verso manéjar, E prender uma flor á vossa trança, E prender uma estrella ao vosso olhar...

LUIZ MURAT.

Rio, Julho de 1885.

GEORGES OHNET

Que sóva, meus senhores, que tremenda, que formidavel sóva deu o illustre critico Jules Lemaitre no famoso auctor do *Maitre de Forges*!

Sóva... critica, sóva litteraria; entenda-se. Veio na *Revue Bleue* de 27 do mez passado.

Se fosse mais espaçosa a *Semana*, dal-o-íamos na integra, esse energico e irrespondivel artigo; na impossibilidade de fazel-o e não podendo resistir ao honesto desejo de mostrar aos leitores o conceito em que é tido na grande critica pariziense esse Dumas de ultima

hora e de ultima especie, vamos transladar para aqui alguns trechos d'esse notavel estudo, e o resumo de outros. Eis algumas notas da *ouverture*:

« Eu costume entreter os leitores da *Revista* com assumptos litterarios:— que me desculpem se lhes falo hoje dos romances do Sr. G. Ohnet.

Darei nisso prazer a tanta gente e alliviarei tantos bons espiritos, dizendo alto o que elles pensam! E de mais, se estes romances estão fóra da litteratura, não estarão, talvez, fóra da historia litteraria. E se não é pelo seu proprio merecimento que se impõem a attenção publica, elles a tem, comtudo, solicitada vivamente pela sua espantosa felicidade, que é de duas especies.

Em poucos annos o *Maitre de Forges* alcançou 250 edições; *Serge Panine*, romance coroadado pela Academia Franceza, teve 150; *La Comtesse Sarah* outras tantas; *Lise Fleuron* 100; e *La Grande Marinière* já attingio a 80! E' este, como se costuma dizer, o maior «sucesso de livraria» d'este seculo. Se o Sr. G. Ohnet não se considera o primeiro escriptor do nosso tempo, é sem duvida por excessiva modestia.

Por outro lado, os romances do Sr. Ohnet têm encontrado nos homens de letras, tanto nos que descendem da tradição classica como nos outros, a mais completa indifferença, ou antes:— o desdém menos dissimulado.

Não digo que não haja por vezes um pouco de affectação nesse desdém, que todos aquelles que desprezam *La Grande Marinière*, tenham esse direito; mas sim— que entre os artistas dignos d'este nome não ha nenhum que faça caso do Sr. Ohnet. Nem achareis tampouco um critico sério que tenha sequer citado o seu nome, a menos que a isso não tenha sido obrigado pelas exigencias de uma resenha bibliographica. Este universal silencio dos letrados em torno das *Batailles de la vie* é tão digno de nota como o favor de que gozam essas rapsodias no grosso publico. »

« Mas o triumpho do Sr. Ohnet se explica inteiramente pelo genero especial que elle cultivava. Sua obra adapta-se maravilhosamente aos gostos, á educação, ao espirito do seu publico. Nada existe nelle que ultrapasse os seus leitores, que os choque ou que lhes escape á comprehensão. Os seus romances têm a medida exacta do senso litterario dos seus leitores; o Sr. Ohnet serve-lhes o seu proprio ideal d'elles.

A taça banal que elle lhes offerece, podem bebel-a, esgotal-a completamente. O Sr. Ohnet foi creado «por um decreto nominativo», diria Renan, para os illetrados que aspiram á litteratura. Se o Sr. Ohnet não é um grande escriptor, nem mesmo um bom escriptor, nem sequer um escriptor passavel, é com certeza—um homem habil. O sonho rococó que floresce em um canto secreto dos cerebros burguezes, (é ocioso dizer que me refiro aqui, não a uma classe social, mas a uma classe de espiritos), ninguem jámais o traduzio com segurança ou proficiencia maior, nem com audacia mais tranquilla do que o Sr. Ohnet. »

Depois, Jules Lemaitre passa a estudar os assumptos, os personagens e a execução dos romances do celebre auctor do *Maitre de Forges*.

Quanto aos assumptos, diz o eminente critico:

« Seu genio particular manifesta-se sobretudo na escolha dos assumptos. Elles rolaram por toda parte e quanto

mais sovados melhor para o fim que o romancista se propoz.

O effeito d'estas historias é infallivel: tendo agradado ha tanto tempo, agradarão mais uma vez; ao passo que com assumptos novos o resultado é muito duvidoso. »

Quanto aos seus personagens:

« Suas figuras são de pura convenção e da mais cançala e, por vezes, da mais odiosa. »

« Não tem nenhum imprevisto, são construidas pelas mesmas fórmulas de sempre. São Grandets esfalfados, Nucingen diluidos, Poiriers de pacotilha. Se nos apresenta um notario, elle será ce-remonioso ou pilherico; se um chicani-sta—terá o olhar falso e os labios finos; se um taberneiro—terá um grande ventre e uma cara apoplectica; se um velho coronel—será um urso, um javali com um coração de ouro.

Todos os seus heroes são nossos conhecidos velhos, vem-os vir sem estranheza, temos o prazer de enconral-os mais uma vez, nunca somos surpre-hendidos nem incommodados pelo mi-nimo troço de observação pessoal.»

Quanto á execução:

« O Sr. Ohnet applica conscienciosa-mente, corajosamente todas as regras da velha rhetorica do romance.»

«Como isso escreve-se aos quinze annos, em *segunda*, quando se é um alumno «forte», sem comtudo ser muito intel-ligente, e ganha-se o premio de nar-ração franceza.»

Sentimos não poder reproduzir as magnificas e terriveis considerações com que o illustre critico analysa o estylo e a execução de Ohnet.

Resignamo-nos a offerecer ao leitor mais alguns trechos, ultimos:

« As poucas qualidades dos seus romances, sendo puramente *scenicas*, sentem-se menos na leitura do que no palco, passal-os a dramas.»

« Encontram-se nelles, em compensação, a *elegancia* das chromolytographias, a *nobreza* dos assumptos de relógio, os *effeitos* das pernas dos reles actores ambulantes, o *optimismo* dos imbecis, o *sentimentalismo* das *romanzas*, a *distincção* como a concebem as filhas das porteiras, a *alta vida* como a sonha Emma Bovary, o bello estylo como o comprehende o Sr. Homais. »

E' um Feuillet sem graça nem delicadeza, um Cherbuliez sem espirito nem philosophia, um Theuriet sem poesia nem franqueza:—a triplice essencia da banalidade. »

« Mas estes romances vieram na hora propria e correspondem a uma necessidade. Os romancistas que são artistas preocupam-se cada vez menos com os gostos da multidão ou mesmo affectam desprezal-os; a litteratura nova tende a tornar-se um mysterioso divertimento de mandarins; dir-se-ia que ella se applica a espantar as boas almas com as suas audacias ou a desconcertal-as com as suas subtilidades. Ora, ha uma classe de leitores que não têm lazeres nem meios, talvez, de penetrar nesses arcanos, que antes de tudo quer *historias* como os feis do *Petit Journal*, mas que, todavia, as deseja mais bem arranjadas e exigem que ellas lhe dêem esta impressão: « Que aquillo é litteratura. » O Sr. Ohnet está na primeira fila dos que possuem este artigo; elle é incomparavel no seu genero; sabe o que agrada ao cliente e serve-l'ho, garantido. Tudo isso não é certamente para ser feito por qualquer; mas que fique bem claro que é effectivamente de

mercadorias que se trata aqui, de alguma cousa como os «chronzes de commercio» e não de obras de arte. »

« Nada de enganar. Eu apenas quiz evitar uma confusão possivel. »

SONETO A PREMIO

A *Semana*, desejando alimentar e desenvolver o pouco notavel movimento do nosso pequeno mundo litterario, abrio no seu n. 25 um torneio poetico, offerecendo aos numerosos habitantes do nosso Parnazo um assumpto—o mais grandioso e mais bello que se pudera imaginar!—para ser cantado em soneto:—Victor Hugo!

Esgotado o prazo para o recebimento dos sonetos, serão estes submettidos á apreciação de um jury, formado por trez poetas de incontestado valor, cujos nomes serão opportunamente conhecidos. Esse jury decidirá d'entre todos os sonetos concurrentes quaes os que devam occupar os logares da triplice classificação de merecimento que fica estabelecida. Sómente esses trez sonetos vencedores serão publicados.

Como premios, *A Semana* offerece aos seus auctores:—ao primeiro uma das obras de Victor Hugo, ricamente encadernada; ao segundo outra obra do grande Mestre, edição menos luxuosa; e ao terceiro um exemplar do n. 11 (2º anno) da *Illustração*, o qual é inteiramente consagrado a V. Hugo, com soberbas gravuras, entre as quaes um bello retrato do poeta.

O prazo que foi marcado e devia terminar a 11 de agosto corrente, prolongamol-o por mais um mez, até 11 de setembro, para dar tempo sufficiente a que cheguem os sonetos que de varias provincias nos foram promettidos e para attender aos pedidos de alguns poetas da corte, que desejam concorrer.

Até esta data recebemos sonetos dos seguintes senhores:

João Sampaio Junior, Edgardo Xavier de Magalhães, Francisco Pereira, Luiz de Fora, J. F. K., Henrique de Magalhães, V. G., Candido F. de Mendonça Junior e Salles Barbosa.

Lamentamos que alguns distinctos poetas tenham adoptado pseudonymos. Não ha razão para isso.

Neste prélio aos vencidos não haverá vergonha; além d'isso são trez os logares a disputar.

Emfim... cá estamos ás ordens e á espera.

GAZETILHA LITTERARIA

Livros rancezes

Damos em resumo o movimento bibliographico havido em França segundo o que dizem os ultimos jornaes d'ali recebidos:

HISTORIA E BIBLIOGRAPHIA

E. E. J. DE GONCOURT.—*Sophie Armetid*. Nova edição redigida segundo cartas e memorias ineditas da celebre actriz (Charpentier).

ALBERT DURUY.—*Hoch et Marceau*. Livro destinado á bibliotheca das escolas. (Hachette).

G. BENGESCO.—*Bibliographie des Oeuvres de Voltaire*. Divide-se em trez partes este notavel estudo sobre as obras do grande escriptor. A primeira comprehende: o theatro, a poesia, as grandes obras historicas, o Dictionario Philosophico, as questões sobre a Encyclopedie, e os romances; a segunda: as miscellanias e as obras edictadas ou annotadas por Voltaire; e a terceira consta

da correspondencia, obras completas e escolhidas, extractos, obras attribuidas a Voltaire ou impressas sob o seu nome. As duas primeiras partes já estão publicadas e a ultima está em vias de impressão.

LITTERATURA]

EMILE MONTEGUT.— *Etudes sur les écrivains modernes de l'Angleterre*. Occupa-se quasi que exclusivamente com o merito litterario de duas distinctas escriptoras insulares—George Eliot e Charlotte Brontë (Hachette)

ROMANCES

HENRI RABUSSON.— *Roman d'un fataliste* (Calmann Lévy).

TONY FERDÉ.— *Ilia Starkoff*. Analyse do caracter de uma mulher de tempera antiga. (Perrin).

ED. CADOL.— *Hortense Maillot*. (Calmann Lévy).

BEUGNY D'HAGERUE.— *Memoires d'un commis voyageur*. (Plon).

LOUIS LERICHE.— *Souvenirs d'un vieux libraire*. (Dentu).

SOSTÈNE CAMBRY.— *Mal du Pays*. (Plon)

PHILIPPE TONELLI.— *Amours corses*. (Calmann Lévy)

COMTESSE CHABRILLAN.— *Drame sur le Tage*. (Calmann Lévy).

ALFRED JULIA.— *Mataléo*. (Dentu).

LAFORET.— *La femme du comique*.

JULES CLARETIE.— *Jean Moruas*. (Dentu).

DIVERSOS

F. DE JUPILLES.— *Jacques Bonhomme chez John Bull*. Resposta aos numerosos pamphletos recentemente publicados em Londres contra a França (Calmann Lévy).

Publicações Anunciadas

ROMANCES

GORDON DE GENOUILLIAC.— *Au pays des neiges*. (Frinzine).

RICHARD O'MONROY.— *A' grande guide* (Calmann Lévy)

C. DE SAINT-CROIX.— *La mauvaise aventure*. (Giraud).

PAUL MARGUERITTE.— *Tous quatre* (Giraud).

J. MONTI.— *Madame Maturhin*. (Serra).

O editor Vieweg prepara diversas publicações; entre ellas citaremos—*La syntaxe latine d'après les meilleurs grammairiens* por M. Antoine, professor na Faculdade de letras de Tolosa; *Les vers français anciens et modernes* por A. Taubler, traduzido do allemão por Sudre e Brevil e prefaciada por Gaston Paris e os *Contes populaires lorrains* por M. Cosquin.

A livreria Plon reúne á sua collecção de viagens *Un printemps au Pacifique (Les îles Hawaii)* por M. Marcel Monnier.

PRADIER—FODERÉ.— *Traité de droit international publique européen et américain*. Tomo 2º (Pedone Lauriel).

J. E. DE GONCOURT.— O 2º volume dos estudos sobre as actrices no seculo XVIII—*Mme. Saint Hubert* (Bibliotheca Charpentier) *Dr. Beranger Féraud—Cortes de Senegambie*— Tomo IX da collecção de contos e canções populares (Leroux).

M. G. MONOD.— *Etudes critiques sur les sources de l'Histoire mérovingienne*. (Vieweg).

Livros portuguezes

A importante casa editora David Corazzi, de Lisboa, encetou a publicação da *Historia de Gil Braz de Santilhana*, romance immortal de Lesage, vertido a vernaculo por Julio Cezar Machado, o finissimo escriptor, a maior gloria do folhetim portuguez. Com um prospecto fez distribuir duas capas, impressas a cores, e o prologo do auctor.

A edição é primorosissima; «monumental» diz o prospecto, talvez sem exaggeração.

Terá 30 esplendidas oleographias e perto de 400 gravuras intercaladas no texto.

Auctor famoso, obra celebre, traductor eximio, edição luxuosa, principessa; quer dizer—successo estrondoso, para o edictor e verdadeira joia offerecida aos que amam as bellas obras bellamente impressas.

Livros brasileiros

Avena e cythara; versos, de João Ribeiro.

A *Divina Comedia* traducção em tercetos rimados, por José Pedro Xavier Pinheiro.

D'esta grande obra, que muito honrará as letras patrias depois de inteiramente publicada, já vieram á luz 5 fasciculos; nitidamente impressos.

Matmaes; poesias de Alberto J. de P. e Silva. Uma auspiciosissima estréa. (Alfredo Menezes).

O *Margal*, traducção do ultimo romance de Jorge Ohnet, por Visconti Conracy. (Garnier).

FACTOS E NOTICIAS

O HOMEM-LOCOMOTIVA

Não é um conto o que vamos escrever sob este titulo. É apenas uma noticia de *sensação* que deve agradar ao publico fluminense, que ultimamente se tem abarrotado com celebreiras e novidades boas e más, exportadas pelo velho mundo, desde o celebre capitão Voyer até á bicharia do Salvini.

O *homem-locomotiva* é um homem de carne e osso, tal qual como nos, filho de Adão e Eva, sympathico e insinuante. Nasceu em Forli (Romania), conta 36 annos de idade e chama-se Achilles Bargossi.

É um andarilho que, não tendo encontrado rival na raça humana, a que elle tem a honra de pertencer, embora o procure ha 10 annos, quer ver se o encontra na cavallar. Corre como... como que? como quem fuge dos versos do Sr. Romero ou das arias do tenor Felipe. Em Roma apostou que andaria 24 horas a par de um cavallo. Ganhou a aposta, tendo o cavallo no fim de 23 horas cahido esfalfado.

Ha mezes venceu em 5 dias 600 kilometros—vindo de Montpellier a Bordéas; e ultimamente veio de Lyon a Paris, gastando apenas 48 horas.

Este locomotiva chegou da Europa no dia 29 do mez findo. E chegou furiosissimo com a Natureza por não ter ligado a America áquella parte do globo. O Sr. Bargossi, com toda a certeza, queria almoçar no antigo continente, e depois do almoço acceuder um *havana* e fazer o seu chylo—vindo a pé a esta cidade de S. Sebastião, onde naturalmente procuraria um hotel que lhe d'esse um bife com batatas.

Toda a razão têm as folhas parizienzes *Figaro*, *Soolcil* e *Patrie* em appellidalo—*homem-locomotiva*.

Prepare-se pois o nosso publico para admirar o Sr. Bargossi e com elle a sua esposa Josephine Bargossi que é tambem uma andarilha respeitavel.

Consta-nos que estreará no *Derby Club*.

Eis um homem de quem se póde dizer:—tem a força de 40 cavallos, pelo menos!

O Dr. Antonio Augusto Ferreira da Silva foi nomeado medico adjuncto da ordem de S. Francisco de Paula.

Deve chegar brevemente a esta corte Rodolpho Bernardelli, o joven, e já insigne esculptor brasileiro, auctor da *Faccira*.

Falleceram:—Nesta corte o desembargador Beltrmino P. da Gama e Mello; D. Maria Henriqueta Castrioto, de uma queda fatal que deu ao descer as escadas da Escola Normal; em Goyaz—o Sr. João Caetano da Silveira Pinto, official da secretaria do governo; em Porto Alegre—o Dr. João Ignacio Teixeira, juiz de direito da comarca de Santa Maria da Bocca do Monte; em Petropolis—o negociante José Gaspar da Cunha Freitas, um dos moradores mais antigos daquella cidade; na provincia das Alagoas—o capitão Pedro Theotônio da Cunha Lima; em Pernambuco—o major Vicente Elias Cavalcante de Albuquerque, D. Joaquina Emilia de Oliveira e Silva, D. Anna de Albuquerque Annes Jacome Pires; na Bahia—D. Clementina Antunes de Castro Menezes e o tenente-coronel José Tiburcio Pereira e Mello.

O Sr. Cantanheda de Moraes, um habil pharmaceutico, escreveu e publicará brevemente um compendio elementar de physica e meteorologia.

Convidados pela directoria do Derby Club, fomos na quinta-feira, á 1 hora da tarde, visitar o prado mandado construir por ella entre as estações de S. Christovão e S. Francisco Xavier, na estrada de ferro D. Pedro II.

Começando pela raia, cujo projecto foi traçado pelo Sr. Dr. Paulo de Frontin; encarregando-se dos trabalhos os Srs. Dr. Del Castillo e Berson, notamos em tudo um bom gosto extraordinario.

As archibancadas medem, cada uma, 50 metros de comprimento; entre ellas acha-se erguido o pavilhão para a Familia Imperial, contando 9 metros de comprimento e 11 de largura.

O terreno em que foi levantado o Derby-Club é extensissimo e está num local o melhor possivel. O trem especial que conduziu os convidados da estação central até lá, apenas gastou seis minutos de viagem; e os passageiros ao chegarem, têm logo diante de si a porta principal do Club, havendo uma outra porta junto á linha de bonds da Companhia Villa Izabel.

Muitas pessoas foram visitar o Derby Club e ao regressarem á cidade a directoria lhes offereceu na sua secretaria um delicado *lunch* em que muitos brindes se fizeram.

Agradecemos o convite que nos mandaram.

COLLABORAÇÃO

O RIO

Tranquillo o vi um dia, adormecido,
Tão docemente o curso seu seguindo
Que se diria um lago vasto, infindo,
De ligeiras gaiotas perseguido.

Depois o vi revolto, enfurecido,
Turvo, feroz, as vagas insurgindo,
Como um leão sahuado que, rugindo,
Sacode a juba e o dorso enraivecido.

Assim minh'alma, ás vezes socegada,
Dorme de sonhos bellos povoada,
Sem a sombra sequer de um so pezar.

Mas vem um dia um negro pensamento:
Turba-lhe a calma, inflige-lhe um tormento,
E gemedora vejo-a se agitar.

MARIO

CONSULTAS

A todas as que nos tem sido feitas temos respondido pelo Correio com a possível brevidade.

Mais uma vez rogamos aos nossos assignantes que nos consultarem o favor de nos remetterem o respectivo sello para a resposta; aos que o não fizerem responderemos sem franquear as cartas, o que lhes trará dobrada despeza, pois terão de pagar sello duplo.

Para evitar esse inconveniente fazemos novamente esta declaração.

Outrosim, recommendamos a maxima clareza nas consultas.

RECEITAS CULINARIAS

Abrimos hoje esta secção, especialmente destinada ás donas de casa e aos devotos de Brillat Savarin.

Todos os pratos doces ou guloseimas aconselhados aqui serão inteiramente ineditos, absolutamente novos, devidos todos á sabedoria culinaria do nosso novo e util collaborador *Cabrion*, um demonio que de tudo entende, que é jornalista, pintor, prestimano, photographo e... cozinheiro. E que cozinheiro, minhas senhoras, que cozinheiro! Vê-lo-ão quando tiverem posto em pratica as suas receitas. Aqui vai a primeira:

FILET A « SEMANA »

Lardêa-se de toucinho um pedaço de bom filet, faz-se-o permanecer durante 3 horas num molho de vinagre, louro, cebola, alho, sal, pimenta do Reino, salsa e cravo; trez horas antes de jantar ponha-se o filet numa panella com uma colher de manteiga, das de sopa uma cebola cortada em quatro, seis cenouras, um punhado de salsa, um dente de alho; deixe-se no fogo 10 minutos, tendo o cuidado de fechar perfeitamente a panella; em seguida deite-se-lhe copo e meio de caldo de coído e outro copo e meio de vinho Madeira ou Porto, e deixe-se ferver tudo isto uma hora; todos os adubos são triturados em um pilão; fôrte-se de pois o molho numa panella de ralo, atravez dos adubos já triturados e depois de ser o filet regado por este molho leva-se novamente ao fogo onde se deixará por mais uma hora.

E depois, é comer... e chorar por mais.

CABRION,

RECEBEMOS

— Da Sra. Francisca Gonzaga: « Se o forrêta está de veneta... », polka da comedia *A filha do Guedes*; *Viver é folgar*, valsa final do 2º acto da mesma comedia.

— Da Bibliotheca Domestica a 13º fasciculo d'A *Estrella do Sul*.

— Dos Srs. Henrique Nicoud & C. os ns. 27 e 28 do 10º anno do *Salon de la Mode*, e *La Mode Illustrée*, publicados em Pariz a 4 e 5 de Julho do corrente anno e os fasciculos 26 e 27 do 5º anno da *Revue Politique et Littéraire*.

— A *Estação*, n. 14, anno XIV. Jornal de modas parisienses, dedicado ás senhoras brasileiras. Como sempre—magnifico.

— A *Scentilha*, ns. 1 e 2. Apareceu em Lisboa em 1 de Junho do corrente anno. Desejamos ao novo collega de além-mar vida rica e prolongada. Permutaremos,

— *Victor Hugo*—Discurso pronunciado na sessão solcmne do Congresso Academico pelo bacharel em letras João da Costa Lima Drumond.

— Do Sr. Coelho de Carvalho, consul de Portugal em Shanghai, um folheto intitulado *De la caracteristique des actes de commerce*.

— *Jornal das Crianças*, n. 2. Bom texto, bons desenhos e muito espirito... infantil.

— *O Mequetrefe*, n. 381, bem desenhado. D'esta vez mimoseou os seus assignantes e leitores com um bellissimo retrato de Duse-Checchi. Parabens ao Netto e ao Corrêa.

— *Corimbo*, ns. 1 e 2, revista mensal, que se publica no Rio Grande. E' sua proprietaria e redactora a distincta poetisa Revocata de Mello. Continue a visitar-nos; a collega é sempre recebida com especial agrado.

— Estatutos do *Club Dramatico Litterario Recreativo*. Este club foi installado em 4 de Maio de 1884, na freguezia de Nossa Senhora da Natividade do Carangola.

— Do Sr. Alberto e Silva um volume de suas poesias, intitulado *Matinaes*. Mais tarde, na secção competente encontrará o joven poeta o nosso juizo sobre os seus versos.

— Do illustrado Sr. Dr. Vieira de Mello o fasciculo n. 1 d'A *febre amarella perante os factos*.

— *Revista Maritima*, fasciculo n. 12, anno IV.

— *A Democracia*—(prospecto-lista) Aparecerá este hebdoinadario no dia 11 do mez proximo.

— Do Sr. Heitor Peixoto um folheto intitulado *O crime de Campinas*,

— *O homem de 400 annos*, fasciculo 3º

— Do Sr. José de Mello, representante da casa David Corazzi:

Historia de Gil Braz de Santilhana, por Lesage, traducção de Julio Cezar Machado, 1º fasciculo, com uma esplendida oleographia e gravuras. (Vide *Gazetilha Litteraria*.)

CORREIO

Sr. Roberto Villeron—Tomamos em consideração o seu pedido.

Sr. Araujo Costa—A sua poesia não será publicada.

Sr. Salles Barbosa, (Bahia)—A sua *Alcova* fica na sala de espera. E' esperar, Sr. Salles.

Sr. Franco de Almeida—Dos seus trez sonetinhos o que mais nos agradou foi aquelle que tem uns tercetos assim:

Aos beijos do sustão velho,
Vi mais de um labio vermelho
Como de um ebrío o nariz.

Por Zeus, pelas coisas santas,
As flores rubras são tantas...
O sol é muito feliz!

Sr. José Dias—O seu soneto é um pouquinho piégas. Aparecerá na *Collaboração*. Por quanto, já deve saber, fica na sala de espera.

Vantagens dos assignantes d'A SEMANA

Além dos premios respectivos, têm os Srs. assignantes as seguintes vantagens, não proporcionadas ainda por nenhum jornal:—Têm direito á inserção gratuita de qualquer annuncio ou reclamação que não exceda de trez linhas, uma vez por mez.

— Têm igualmente direito a todos os supplementos e boletins que a folha publicar. E ella publicará um supplemento ou boletim,—que será vendido avulso, separadamente, a 40 ou 60 réis,—sempre que houver qualquer facto importante, qualquer acontecimento de interesse publico.

— Além d'isso,—e esta é a principal vantagem,—tem qualquer dos Srs. assignantes o direito de consultar a folha, por carta assignada, uma vez por mez, sobre qualquer questão, duvida ou emergencia juridica, medica, commercial, litteraria ou de qualquer natureza, que se revista de character serio, e cujo objecto for importante. Obriga-se a redacção a responder-lhes por carta nos casos de urgencia, e pela folha nos outros. Para esse fim tem esta advogados, medicos, commerciantes, em summa:—pessoas competentes, encarregadas de responder a todas as consultas, assumindo a responsabilidade dos seus conselhos. Outrosim, promptifica-se a folha a ministrar aos Srs. assi-

gnantes todas as informações de que necessitarem. Este serviço, a que têm direito os Srs. assignantes, é igualmente gratuito. *A Semana* é o primeiro jornal que o apresenta no Brazil.

N. B.—Todas as consultas devem vir acompanhadas do respectivo sello, ou da sua importancia, para a resposta.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Dr. Henrique de Sá —Espec. Syphilis e molestias das crianças. Consultorio:—rua Primeiro de Março, 22, de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:—rua de S. Pedro, 294.

DR. F. PESSANHA
CLINICA MEDICA
CHAMADOS A QUALQUER HORA
Consultorio e residencia
28 Qua da Alfandega 28
RECADOS—QUITANDA, 86

EXTERNATO HEWITT
INSTRUÇÃO SECUNDARIA
E
COMMERCIAL
134 Rua do Rosario 134

A SEMANA 100 RS.!
TANGO DELICIOSO
COMPOSTO E OFFERECIDO
POR
ERNESTO DE SOUZA
conhecido auctor do tango *Setim*, e de outras applaudidas musicas, á redacção d'A Semana.
Vende-se no escriptorio d'esta folha a
1\$000

OBRAS
á venda no escriptorio desta
folha:
DE VALENTIM MAGALHÃES
QUADROS E CONTOS
por 2\$000.
COLOMBO E NENÊ
poemeto, 1\$000.
DO MESMO E FILINTO D'ALMEIDA:

O GRAN GALEOTO
traducção do drama de Echegaray, 1\$000.
DE ALFREDO DE SOUZA

AURORAS
versos, 2\$000.
DE L. MURAT:
QUATRO POEMAS
versos, 1\$000.

DE AMERICO LOBO:
EVANGELINA
traducção do poema de Longfellow,
1\$000.